

**Diferente do que afirma Tom Wolfe,
livros-reportagem raramente têm diálogos**

*Contrary to what Tom Wolfe claims,
feature books rarely have dialogues.*

Marcos Antônio ZIBORDI¹

Resumo

Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre diálogos em livros-reportagem, que seriam constituintes das narrativas conforme tradição teórica iniciada por Tom Wolfe, teórico do chamado “novo jornalismo”. Verificamos empiricamente se as trocas de falas estão presentes caracterizando dialogia e polifonia, segundo pressupostos de Mikhail Bakhtin. Com base em 62 obras mais citadas por referências teóricas relevantes, constatamos que existem poucos diálogos e, quando surgem, raramente caracterizam dialogia e polifonia, exceto em dez obras, sendo José Louzeiro o autor que melhor desenvolve os dois aspectos. Na maioria dos casos, as narrativas não cedem a palavra aos personagens, predominando a terceira pessoa onisciente e onipresente, detentora da verdade dos fatos, cuja voz autoritária domina as histórias. A conclusão é a de que pressupostos teóricos tradicionais, sobreviventes há meio século e tornados hegemônicos, precisam ser revistos.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Novo jornalismo. Tom Wolfe.

Abstract

This article presents research results on dialogues in book-reports, which would be constituents of narratives according to the theoretical tradition initiated by Tom Wolfe, theorist of the so-called “new journalism”. We empirically verified whether speech exchanges are present, characterizing dialogism and polyphony, according to Mikhail Bakhtin's assumptions. Based on 62 works most cited by relevant theoretical references, we found that there are few dialogues and, when they appear, they rarely characterize dialogism and polyphony, except in ten works, with José Louzeiro being the author who best develops both aspects. In most cases, the narratives do not cede the word to the characters, predominating the omniscient and omnipresent third person, holder of the truth of the facts, whose authoritative voice dominates the stories. The conclusion is that traditional theoretical assumptions, which survived half a century ago and became hegemonic, need to be revised.

Keywords: Book-report. New journalism. Tom Wolfe.

¹ Pós-doutorando com pesquisa sobre livro-reportagem na Escola de Comunicações e Artes (ECA), Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), Universidade de São Paulo (USP). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: mzibordi@hotmail.com

Introdução

Este artigo traz a público parte das conclusões de pesquisa de pós-doutorado, especificamente tratando do diálogo em livros-reportagem. Com base em 62 obras nacionais e estrangeiras, demonstraremos, como decorrência de verificação empírica, que as trocas de falas são residuais e, se analisadas com base em algumas proposições de Bakhtin (1997, 2011), há dificuldade, senão impossibilidade para caracterizar o gênero livro-reportagem, bem como a dialogia e a polifonia, com exceção de algumas obras, que não chegam a representar 15% do corpus, a maioria de José Louzeiro.

O diálogo é considerado constituinte de narrativas jornalísticas em reportagens e livros por autores da corrente teórica identificada como “novo jornalismo”, a partir das concepções de Tom Wolfe (2005). Para ele e seus concordes, o diálogo seria um dos quatro aspectos estruturantes incorporados dos romances realistas, atribuindo literariedade às obras jornalísticas. Por sua vez, do ponto de vista da teoria literária, para Bakhtin, o diálogo, a dialogia e a polifonia são fundamentais para a construção dos romances.

Através desses aspectos relacionáveis abre-se a possibilidade comparativa entre as teorias jornalística e literária, sobretudo porque haveria ainda uma similaridade de base, estabelecida desde Tom Wolfe: o livro-reportagem seria análogo ao romance realista, no autor norte-americano, e comparável, em outros teóricos, a obras romanescas de ruptura, históricas e de viagem (LIMA, 2009), além de naturalistas (BULHÕES, 2007).

A pesquisa empírica demonstrou que, apesar das possibilidades de analogia existirem no plano conceitual, a ausência de diálogos impossibilita tal proposta teórica, que sobrevive sem questionamento há, pelo menos, meio século no que concerne ao recorte desta investigação, considerando que as proposições de Tom Wolfe foram publicadas em livro em 1973.

Entendemos a comparação, no viés da literatura comparada, não como um fim em si mesmo, mas “um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva)” (CARVALHAL, 2004, p. 08).

Quanto à metodologia deste artigo, é constituída por três procedimentos principais: levantamento das obras jornalísticas mais citadas por autores relevantes da teoria do livro-reportagem; verificação empírica da presença de diálogos; cotejamento teórico entre as propostas de Bakhtin e as possibilidades dos conceitos de diálogo, dialogia e polifonia estarem efetivamente presentes. Em resumo, verificamos se a prática realizou a teoria, e nossa conclusão é de que não, na maioria dos livros-reportagem analisados. Antes de detalhar a metodologia, explicitaremos as proposições de Tom Wolfe sobre diálogos em narrativas jornalísticas.

O diálogo nas narrativas do novo jornalismo

Segundo Tom Wolfe, após a Segunda Guerra Mundial havia um furor na literatura e na imprensa dos Estados Unidos. Literatos e jornalistas aspiravam escrever romances arrebatadores, mas, segundo Wolfe, os jornalistas se saíram melhor “usando todas as técnicas de romancistas, até as mais sofisticadas” (2005, p. 44). Por conta desses procedimentos literários, no final da década de 1960 o “novo jornalismo” não poderia ser desconsiderado. Jornalistas-literatos teriam incorporado quatro características do romance realista em suas reportagens e livros: a construção cena a cena, a condução da história por um narrador-personagem, a descrição de detalhes significativos e, para o que nos interessa neste artigo, a reprodução de diálogos captados ao vivo pelo repórter.

Os escritores de revista, assim como os primeiros romancistas, aprenderam por tentativa e erro algo que desde então tem sido demonstrado em estudos acadêmicos: especificamente, que o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso. (...) Os jornalistas trabalhavam o diálogo em sua mais plena e mais completamente relevadora forma no mesmo momento em que os romancistas o eliminavam, usando o diálogo de maneiras cada vez mais crípticas, estranhas e curiosamente abstratas. (WOLFE, 2005, p. 54).

Apesar de Tom Wolfe não arrolar nenhum estudo acadêmico que subsidie sua afirmação, nem sobre diálogo, nem em relação a qualquer outro aspecto que defende com entusiasmo, no Brasil as ideias do norte-americano são amplamente aceitas e reproduzidas, como em *Páginas ampliadas*, de Edvaldo Pereira Lima (2009), considerada obra fundamental para a teoria do livro-reportagem e, segundo levantamento recente, a mais indicada nas bibliografias de graduações em Jornalismo (MARTINEZ,

FERNANDES, FERRREIRA, LIRA, OLIVEIRA, PERES, FIGUEIREDO, GAVER, 2022, p. 10). Lima concorda com a importância do diálogo (2009, p. 114, 201), assim como Martinez (2016, p. 325), que endossa os posicionamentos dos dois autores, também no que diz respeito à confluência entre romances e livros-reportagem.

Para Bulhões, que envereda pelas relações com o romance naturalista, Tom Wolfe é “parada bibliográfica obrigatória a quem deseja seguir o caminho que desemboca no que se passou a conhecer com o nome de livro-reportagem” (2007, p. 146). Para o brasileiro, os atributos ficcionais das obras jornalísticas seriam “visíveis na disposição dos diálogos no interior da intriga” (BULHÕES, 2007, p. 172).

Quando não é defendido, a presença e importância do diálogo também não é questionada em referências teóricas relevantes para o livro-reportagem no Brasil (BELO, 2006; BORGES, 2013; BULHÕES, 2007; COSSON, 2001; FERREIRA, 2003; KRAMER, 1995; MARTINEZ, 2016). Porém, apesar da sua presumida importância, e das referências esparsas e pontuais a Bakhtin, as noções do teórico russo sobre diálogo, dialogia e polifonia, inevitavelmente interligadas em sua obra, não foram discutidas, talvez porque desconstroem posicionamentos tradicionais do jornalismo literário.

Metodologia da pesquisa

Conforme mencionado, do ponto de vista empírico a metodologia desta pesquisa começa com revisão bibliográfica para listar livros-reportagem mais citados em autores relevantes da teoria do “novo jornalismo”, incluindo os que tratam tais narrativas como “jornalismo literário”, quando concordes com as proposições de Tom Wolfe em *Radical chic e o novo jornalismo* (2005). Assim, construiu-se uma tabela com os livros-reportagens representativos, nos quais existiriam os aspectos que teriam sido incorporados dos romances realistas. Então verificamos, a partir desse conjunto, a presença de diálogos, para, então, cotejar com concepções de Bakhtin.

Para justificar a listagem de um livro-reportagem no corpus de pesquisa, meras menções não são suficientes. Consideramos necessário que a referência tenha sido feita no sentido de evidenciar a importância da narrativa. Precisa ser uma citação contextual, não pontual. Também contamos como uma só menção mesmo quando o romance ou livro-reportagem é citado várias vezes, mas dentro de uma mesma discussão. Trata-se da

tentativa de proceder com alguma racionalidade complexa, evitando enumerar mecanicamente.

Assim, listamos 62 obras jornalísticas, a maioria considerada clássica por teóricos, abrangendo América e Europa, predominantemente do século 20. Diante de tal volume, essas narrativas foram sendo anotadas. Para preservar pensamentos, trechos, correlações com outras leituras, e, sobretudo, anotar a presença ou ausência dos aspectos elencados por Tom Wolfe, produzimos uma ficha de leitura, cujos itens são, necessariamente, seus quatro pressupostos, com destaque, no recorte deste artigo, para os diálogos, além de outros tópicos de interesse, como a presença de digressões, e um tópico final aberto, para anotações relevantes não previstas.

Constatamos algumas discrepâncias óbvias entre as proposições teóricas de Tom Wolfe e seus seguidores e a realidade das obras, como a ausência de diálogos, diferente da afirmação de que seriam constituintes, estruturantes. Na tabela abaixo, listamos as narrativas jornalísticas indicando a quantidade de menções dos dez livros-reportagem mais citados.

Tabela 1: Livros-reportagem analisados

1722	Um diário do ano da peste	Daniel Defoe	Inglaterra	
1836	Retratos Londrinos	Charles Dickens	Inglaterra	
1843	Os Jornalistas	Honoré de Balzac	França	
1887	Dez dias num hospício	Nellie Bly	EUA	
1895	A ilha de Sacalina: notas de viagem	Anton Tchékhev	Rússia	
1902	Os Sertões	Euclides da Cunha	Brasil	2º = 12
1905	Os subterrâneos do Morro do Castelo	Lima Barreto	Brasil	
1914	México insurgente	John Reed	EUA	
1919	Dez dias que abalaram o mundo	John Reed	EUA	8º = 8
1933	Na pior em Paris e Londres	George Orwell	Inglaterra	
1942	O segredo de Joe Gould	Josep Mitchell	EUA	
1946	Hiroshima	John Hersey	EUA	3º = 12
1952	Filme	Lillian Ross	EUA	
1966	A sangue frio	Truman Capote	EUA	1º = 23
1967	Hell's Angels	Hunter Thompson	EUA	
1968	Os exércitos da noite	Norman Mailer	EUA	7º = 9
1968	O teste do ácido do refresco elétrico	Tom Wolfe	EUA	
1970	Relato de um naufrago	Gabriel G. Márquez	Colômbia	

1971	Honra teu pai	Gay Talese	EUA	
1971	O reino e o poder	Gay Talese	EUA	
1974	Todos os homens do presidente	Carl Bernstein Bob Woodward	EUA	
1976	A ilha	Fernando Morais	EUA	
1976	Aracelli, meu amor	José Louzeiro	Brasil	
1976	Esta noite a liberdade	Dominique Lapierre Larry Collins	França	
1978	Cuba de Fidel	Ignácio L. Brandão	Brasil	
1978	Lúcio Flávio: o passageiro da agonia	José Louzeiro	Brasil	4º = 11
1978	Porque Cláudia Lessing vai morrer	Valério Meinel	Brasil	
1979	A canção do carrasco	Norman Mailer	EUA	
1980	A mulher do próximo	Gay Talese	EUA	
1980	O massacre de Cantagalo	Iris Lopes	Brasil	
1981	Aézio, um operário brasileiro	Valério Meinel	EUA	
1981	Society cocaína	Percival de Souza	EUA	
1984	A infância dos mortos	José Louzeiro	Brasil	
1984	A máfia no Brasil	Edson Magalhães	Brasil	
1985	Olga	Fernando Morais	Brasil	6º = 9
1987	A menina que comeu céσιο	Fernando Pinto	Brasil	
1988	1968: o ano que não acabou	Zuenir Ventura	Brasil	
1992	Rota 66	Caco Barcellos	Brasil	5º = 10
1993	O crime da novela das oito	Sérgio de Souza	Brasil	
1994	Chatô: o rei do Brasil	Fernando Morais	Brasil	9º = 6
1994	Jornalismo de in(ve)stigação	Sérgio B. Gusmão	Brasil	
1995	Caso Escola Base	Alex Ribeiro	Brasil	
1995	Estrela solitária	Ruy Castro	Brasil	
1996	Notícia de um sequestro	Gabriel G. Márquez	Brasil	
1996	O século do crime	Cláudio Tognolli José Arbex Jr.	Brasil	
1996	As duas mortes de PC Farias	Luís Costa Pinto	Brasil	
1996	Na natureza selvagem	Jon Krakauer	EUA	
1997	A incrível e fascinante história do capitão mouro	Georges Bourdoukan	Brasil	
1999	A Academia do fardão e da confusão	Fernando Jorge	Brasil	
1999	Notícias do Planalto	Mario Sergio Conti	Brasil	
2001	O Bandido que sabia latim	Toninho Vaz	Brasil	

2001	O cigarro	Mario C. Carvalho	Brasil	
2001	Cobras criadas	Luiz M. Carvalho	Brasil	
2003	Abusado	Caco Barcellos	Brasil	10° = 7
2003	Se liga: o livro das drogas	Mylton Severiano	Brasil	
2004	Rompendo a cerca: a história do MST	Sue Brandford Jan Rocha	Brasil	
2005	Paixão de João Antônio	Mylton Severiano	Brasil	
2007	O massacre: Eldorado dos Carajás	Eric Nepomuceno	Brasil	
2010	A Batalha de Porto Alegre	Sinval Medina	Brasil	
2013	Vozes de Tchernóbil	Svetlana Aleksievitch	Rússia	
2015	Condenado à morte	Ricardo Gallo	Brasil	
2016	O reino da fala	Tom Wolfe	EUA	

Fonte: O autor

Considerando que a teoria jornalístico-literária caracteriza o livro-reportagem com o sentido mais evidente de diálogo, especificamente a troca de falas, reiteramos, com base na tabela: os enunciados em primeira pessoa permutados entre personagens raramente estão presentes. Alguns exemplos podem sustentar tal afirmação, a começar pelo segundo livro-reportagem mais citado pelas referências teóricas, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (2016).

Livros-reportagem sem diálogos

Na longa narrativa jornalística sobre a Guerra de Canudos, o narrador onisciente, que predomina conduzindo a história em terceira pessoa, não permite que seus personagens falem. Ele absorve os depoimentos recolhidos pelo repórter em campo, produzindo discursos indiretos. A primeira troca de falas aparece no final da segunda parte da obra, “O homem”, entre um missionário capuchinho e Antônio Conselheiro. Diálogo curtíssimo, é composto por três enunciados (CUNHA, 2016, p. 112). Contamos exatamente outros 12, assim distribuídos: duas falas de um enunciado (p. 211, 293); sete enunciações pontuais do coronel Moreira César no capítulo “O primeiro encontro” (p. 194, 195, 196, 199, 203, 204); um diálogo com quatro falas (p. 293); e somente duas conversas longas, mesmo assim intercaladas por intervenções do narrador (p. 131-132, 355-356).

Se compararmos a quantidade de diálogos em *Os sertões* com obra literária emblemática do Realismo, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (2003), observamos não só a diferença em relação à presença e função das trocas de falas, mas a impossibilidade de estabelecer comparações diretas entre romances e livros-reportagem através do diálogo, pelo menos não de forma generalizada, conforme parece ser possível e natural nas referências teóricas do “novo jornalismo”. Em *Madame Bovary*, metade dos parágrafos são constituídos por travessões (1.084), enquanto o narrador conduz o dobro (1.916).

A presença decisiva do diálogo literário e a ausência em livros-reportagem pode ser verificada em outras duplas de obras, como *Casa de pensão* (2009), de Aluísio Azevedo, e *Olga* (2008), de Fernando Morais. O romance é arrolado como exemplar do Naturalismo brasileiro (BULHÕES, 2007, p. 82), enquanto o livro-reportagem foi o mais comercializado no Brasil entre 1966 e 2004, permanecendo durante 29 meses na lista dos mais vendidos (CATALÃO, 2010).

Na obra literária sobre o assassinato cometido por um estudante, os diálogos correspondem a 40% dos parágrafos (1.215 discursos diretos marcados por travessões), enquanto o narrador em terceira pessoa conduz 60% da narrativa (ou 1.960 parágrafos). As proporções são parecidas com as verificadas em *Madame Bovary*, ou seja, em tais romances os diálogos são realmente constitutivos, enquanto nos livros-reportagem, não – importante frisar, contudo, que nem todos os romances analisados têm tantos diálogos, ou seja, também não se pode generalizar sua presença em obras literárias realistas e naturalistas, apesar de serem tendencialmente muito mais presentes do que em longas narrativas jornalísticas.

Por outro lado, em *Olga*, assim como ocorre em *Os sertões* e na maioria dos livros-reportagem verificados, as trocas de falas são residuais. Na obra de Fernando Morais sobre a revolucionária comunista, quase todos os discursos diretos, marcados por travessões, consistem em um único enunciado, ocorrendo 72 vezes. Além desses enunciados únicos, trocas dialogais sem interferência do narrador aparecem somente em quatro passagens em forma de fala e réplica, e uma única vez com três falas. Ou seja, em *Olga*, assim como em outro livro-reportagem de Fernando Morais, *Chatô* (1994), praticamente não há diálogos.

A constatação de que eles inexistem nos livros-reportagem, cotejada com as posições de Bakhtin, desmonta um dos quatro pilares que constituiriam as longas

narrativas jornalísticas na tradição estabelecida por Tom Wolfe. Claro que os enunciados não são trocados somente entre dialogantes no cotidiano ou nos textos escritos. Contudo, se considerarmos o aspecto fundamental do diálogo, apontado tanto pelo teórico russo, quanto pela tradição conceitual do livro-reportagem, não há sequer como discutir enunciados capitais, dialogados, no conteúdo das obras jornalísticas, simplesmente porque não existem.

Daí, diversos aspectos constituintes, considerando as posições de Bakhtin (1997, 2011), inexistem: a estilística da oralidade, pois estamos impedidos de observar as transformações da língua sob o aspecto dialogal; as correlações com outros enunciados, no que diz respeito às trocas em discursos diretos, pois inexistente a responsividade ativa tanto entre personagens, como do próprio enunciadador em relação aos seus pontos de vista, com os quais pode dialogar; estamos impedidos de observar as fronteiras e os acabamentos dialogais, pois os personagens não conversam, assim como suas intenções, via trocas de falas, não podem ser detectadas.

E se os diálogos não estão presentes, a dialogia por eles constituída (ela pode se estruturar sob outros aspectos), assim como a polifonia, estão prejudicadas enquanto subsídio constituinte do gênero livro-reportagem, pelo menos na maioria das obras analisadas. Por isso, a tradição teórica hegemônica está equivocada, pois erigida sob característica inexistente, e deveria ser estabelecida sobre outras bases, ou eliminar a pressuposição de que o diálogo é estruturante da narrativa.

Enfim, se considerarmos somente as trocas de falas, ou seja, os enunciados permutados em primeira pessoa, geralmente marcados por travessões ou aspas, podemos afirmar que os livros-reportagem não são dialógicos.

A explicação para essa ausência se deve a um aspecto desconsiderado desde as proposições teóricas de Tom Wolfe. Para ele, o repórter deveria estar em campo para captar os diálogos entre os personagens e destes com o jornalista, que transcreveria da forma mais completa possível os enunciados em primeira pessoa. Ocorre que a maioria dos livros-reportagem analisados – e acreditamos poder extrapolar a constatação que vem a seguir para outras obras – não foram produzidos diante dos fatos, ou seja, os autores não presenciaram as ocorrências. Até pela natureza de aprofundamento das pautas, procedimento diferenciado da produção cotidiana de notícias (LIMA, 2009), as longas narrativas jornalísticas são posteriores à publicização de informações, algumas sendo provocadas pela cobertura diária da imprensa, outras recuando anos e mesmo décadas e

séculos para recuperar fatos. E nem mesmo a presença em campo garante a reprodução de diálogos, como é o caso de *Os sertões*.

Embora produtivo do ponto de vista da argumentação, arrolar a quantidade de diálogos de todos os livros-reportagem da pesquisa empírica seria mais extenso do que os limites deste artigo. Para possível checagem e eventuais contestações, remetemos à lista de 62 narrativas jornalísticas verificadas empiricamente, antes citada. Visitamos a seguir a lista de livros-reportagem nos quais detectamos a presença estruturante do diálogo, com as respectivas problematizações sobre dialogia e polifonia.

Livros-reportagem com diálogos

A transcrição completa de diálogos, além de ser rara nas obras analisadas, tende a ser procedimento específico de determinados autores, não de um gênero. Entre os dez livros-reportagem com trocas de falas constituintes – que corroboram com a constituição de personagens, alavancam situações e caracterizam socialmente –, três são de José Louzeiro, também romancista, dois de Caco Barcellos, e dois de Valério Meinel, além de autores que comparecem com uma obra na listagem.

Tabela 2: Livros-reportagem com diálogos estruturantes

1914	México insurgente	John Reed	EUA	
1952	Filme	Lillian Ross	EUA	
1976	Araceli, meu amor	José Louzeiro	Brasil	
1978	Lúcio Flávio: o passageiro da agonia	José Louzeiro	Brasil	
1978	Porque Cláudia Lessing vai morrer	Valério Meinel	Brasil	
1979	A canção do carrasco	Norman Mailer	EUA	
1981	Aézio, um operário brasileiro	Valério Meinel	EUA	
1984	A infância dos mortos	José Louzeiro	Brasil	
1992	Rota 66: a história da polícia que mata	Caco Barcellos	Brasil	
2005	Abusado: o dono do morro Dona Marta	Caco Barcellos	Brasil	

Fonte: O autor

Em *Abusado*, de Caco Barcellos (2005), os diálogos estruturam a obra e, sobretudo, caracterizam os personagens em suas posições ideológicas e sociais, pois as

gírias são transcritas como na pronúncia oral. Um exemplo, lembrando que há diálogos bem mais longos:

- Vocês demoraram demais. Pensei que fosse morrer aqui no meio dos alemão, caralho! – disse Luz, que fizera uma cirurgia no miocárdio para implantar três pontes de safena.
- Qualé que foi, Luz? Porrada demais dos homens dá nisso. É ou não é? – perguntou Juliano.
- Não brinca, não. Meu coração ainda tá apertado, aí. Mas a parada é outra, Juliano. A parada é outra...
- Tá na hora do trampo, Luz. Tem que sair logo dessa cama, mulhé, que agora a parada é nossa. (BARCELLOS, 2005, p. 311-312).

Quase todos os aspectos estabelecidos por Bakhtin para constituição de relações dialógicas estão presentes nessa e em outras trocas de falas: percebemos as variações da língua através da oralidade, que pode ser verificada em ampla gama de expressões incorporadas à obra, estruturando e caracterizando o gênero; os enunciados se correlacionam na forma de responsividade ativa; os enunciadores dialogam com outros e com eles mesmos, como em “pensei que fosse morrer”; as fronteiras e acabamentos dialogais são evidentes, assim como as intenções dos personagens, em intensa troca de ideias.

Mas há dois aspectos que problematizam a completa dialogia e, a nosso ver, um deles impede a polifonia: a demarcação das diferenças dos estilos vocabulares entre narrador e personagens, e sua conseqüente hierarquização, pois a voz narrativa em terceira pessoa, condutora da história, está claramente diferenciada dos enunciados em primeira pessoa. Segundo Bezerra, a “posição do autor em relação às personagens que caracteriza a polifonia no romance” (2005, p. 199), e tal posição deveria ser equivalente.

Diferente de *Abusado*, em *México Insurgente* (2010) o narrador não se sobrepõe aos personagens nos diálogos. A voz condutora da história insere diversas expressões típicas dos revolucionários, em geral sem a preocupação de explicá-las, até porque são bastante claras, como “oiga”, sinônimo de “olhe, olha”; “buenas tardes”; “bien”. Quando os enunciados em primeira pessoa são explicados, a tradução aparece organicamente no texto, evitando parecer que a enunciação do narrador seja superior. Na edição usada nesta pesquisa, as expressões em espanhol aparecem em itálico, como em “- Ah – suspirou – *Qué está bonita!* Que bonito!” (2010, p. 196), ou “- Está bem! *Muy bien!* Meu novo cavalo pampa...” (p. 270).

Portanto, no que diz respeito às posições do narrador em relação aos personagens nos diálogos, *México insurgente* é mais polifônico do que *Abusado*, apesar de ambos não atenderem completamente aos pressupostos de Bakhtin, porque constroem sínteses de pontos de vista, procuram estabelecer significados específicos, tanto em relação aos traficantes, quanto aos revolucionários, por exemplo a noção de que, apesar de laivos humanitários, os protagonistas são criminosos violentos.

Se quase todos os livros-reportagem analisados não têm diálogos, e nos que existem, a polifonia não se realiza completamente, pelo menos do ponto de vista bakhtiniano, nas obras de José Louzeiro encontramos a mais completa realização polifônica, especialmente em *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* (1978). Trata-se da história de um criminoso tornado famoso pela imprensa na década de 1970 por realizar assaltos e assassinatos, entre outros crimes.

Os diálogos são abundantes e aparecem de diversas maneiras. Naturalmente, o protagonista conversa com outros personagens, quando podemos perceber as características estruturantes da narrativa através da troca de enunciados em primeira pessoa. Nestes casos, evidencia-se o estilo e as transformações da língua, a responsividade, as intenções dos dialogantes, as fronteiras e os acabamentos determinados pelas trocas de falas. São diálogos que reproduzem conversas comuns, realizando o que Bakhtin chama de “diálogo exterior composicionalmente expresso” (2011, p. 310), ou seja, efetivamente registrado nas trocas de frases e orações em primeira pessoa, marcadas por travessões.

Mas há outras combinações dialogais, como quando alguém fala com o protagonista e, ao invés dele externar sua resposta, cogita:

- Arte se faz com dez gramas de talento, 990 de trabalho duro.
“Pura verdade. Uns nada fazem por falta de tempo ou condições. Eu não faço porque sou legalidade e crime, vida e morte, água cristalina cobrindo o lodaçal. A mão que procura os traços para fazer girar o moinho é a mesma que matou Marco Aurélio, Armandinho e Domingão.” (LOUZEIRO, 1978, p. 125).

Além de falar com terceiros e cogitar suas respostas em conversas nas quais poderia dizer o que pensa, Lúcio Flávio faz inúmeras reflexões sozinho, especialmente na cela, chegando a falar em voz alta, sem a presença de nenhum interlocutor.

Lúcio segurava o isqueiro como se fosse microfone, dava entrevistas. Os pequeninos pontos sujos no chão, nas paredes encardidas e no teto, eram as pessoas. A multidão a que estava se dirigindo.

- Saibam todos, que já não tenho mais o que explicar a respeito de mim mesmo. Fiquem cientes de que jamais teremos conhecimento total da verdade. O que já disseram de mim, do que fiz e não fiz, tá nos jornais. Verdade e mentira, uma ao lado da outra. Nunca me preocupei com isso. (LOUZEIRO, 1978, p. 190-191).

O protagonista segue falando sozinho, interrompido pela observação do narrador de que “esses monólogos de Lúcio seguiam-se interminavelmente”, para então retomar a transcrição das falas. Fica evidenciado o “microdiálogo” (BAKHTIN, 2011, p. 310), uma cogitação interior, do personagem consigo mesmo, entre aspas. O protagonista “pensa muito longe” e “muitas coisas se passavam pela cabeça” (LOUZEIRO, 1978, p. 44).

Outro aspecto fundamental da polifonia segundo Bakhtin implica em que diálogos são enunciados e retomados, mudando de sentido. Isso ocorre em diversas passagens, especialmente em relação a uma frase dita pelo bandido Marco Aurélio, no diálogo que troca com a quadrilha antes de ser assassinado, acusado de traição. O livro-reportagem começa com esse justicamento e, durante toda a narrativa, a justificativa do morto retorna à mente do protagonista, que não terá certeza se o comparsa falou a verdade. Eis a primeira vez que o enunciado aparece: “- Não pensava nada, responde Marco Aurélio – Fazia o que Armandinho mandava. Para mim ele tava agindo de acordo com vocês. Nunca me intrometi.” (LOUZEIRO, 1978, p. 3).

A justificativa de Marco Aurélio para a acusação de traição não é levada em conta e ele é morto a tiros após proferir o enunciado acima. Mas sua fala, reproduzida com pequenas variações, inteira ou em parte, insiste em voltar à lembrança do protagonista, que oscila entre acreditar ou não na alegação de defesa do comparsa (LOUZEIRO, 1978, p. 5, duas vezes; p. 6, 10, 14, 25, 41, 74).

Importante notar também que nem o narrador, nem o personagem procuram estabelecer uma verdade sobre os fatos. Não há preocupação com os direcionamentos das notícias publicadas pela imprensa, se corretos ou falsos, nem com a definição da personalidade do protagonista, se bom ou ruim. Trata-se da “inconclusibilidade do diálogo” (BAKHTIN, 2011, p. 293), pois não se procura construir uma síntese. As versões são equivalentes, tanto do ponto de vista do protagonista, quanto do narrador – em *Aracelli, meu amor* (2012), outro livro-reportagem de José Louzeiro, também não se

chega a nenhuma conclusão sobre o sumiço da criança que protagoniza a história, mas porque o crime não foi esclarecido.

O recurso composicional de retomar enunciados em primeira pessoa, ressignificados em diferentes contextos, é recorrente no livro-reportagem sobre Lúcio Flávio – ele “achava engraçado que os fatos se repetissem, que fossem os mesmos, com pessoas diferentes” (LOUZEIRO, 1978, p. 157). Além dos tormentos do protagonista lembrando da justificativa do comparsa justificado, outras falas retornam sem que se chegue a um ponto de vista definitivo sobre aquilo que expressam. É o que acontece com a declaração de Lúcio Flávio sobre sua imagem pública, enunciando que “pra muito garoto por aí, sou uma espécie de herói de gibi” (LOUZEIRO, 1978, p. 49, 65); assim como ocorre com o aviso do amigo Dondinho sobre um policial que “tem a figura do cão encoberta na própria sombra” (p. 81, 82, 127, 157); do preso cuja única preocupação é o aperfeiçoamento espiritual para ser um “bom defunto” (p. 82, 95, 111); ou sobre uma nova oportunidade que surgirá para Lúcio Flávio, a qual, “se estragar, adeus!” (p. 167, 172, 186, 188).

Vemos, portanto, que nesta obra de José Louzeiro estão presentes os diálogos, de forma quantitativa e qualitativa, ou seja, são abundantes e estruturam a obra, caracterizando sobretudo o protagonista, com a responsividade aparecendo de diversas maneiras, desde as respostas diretas até cogitações que não são externadas, assim como se verifica a dialogia e polifonia, esta especialmente do ponto de vista do diálogo inconcluso, que não busca sínteses, ao contrário, deixa em aberto as possibilidades de pontos de vista e, conseqüentemente, de interpretações.

Conclusões

A teoria do “novo jornalismo” que pressupõe o diálogo como um dos pilares característicos das narrativas informativas, reiterada há meio século, construiu uma visão hegemônica, não contraposta empiricamente, o que justificou a metodologia de verificação das obras nesta pesquisa.

Tal verificação levou à constatação que consideramos bastante significativa: a ausência de diálogos na maioria dos livros-reportagem. Por si só, tal resultado deveria levar a sérios questionamentos teóricos, práticos e da atividade pedagógica, considerando que o Brasil pode ser o país líder no ensino de jornalismo literário, apesar do levantamento

indicativo da possível liderança não trazer comparações com outros países (MARTINEZ, FERNANDES, FERREIRA, LIRA, OLIVEIRA, PERES, FIGUEIREDO, GAVER, 2022).

Porém, independente dessa fragilidade metodológica, e mesmo que a proeminência nacional não seja real, nosso interesse docente é ressignificado a partir dos reveladores resultados referentes à ausência de diálogos, pois assim evitamos atitudes pedagógicas inconsequentes e subservientes à tradição hegemônica.

Outra conclusão evidenciada pelos resultados da verificação de livros-reportagem nos leva a perceber que os diálogos são significativos nas obras de determinados autores, portanto não caracterizam um gênero, nem no Brasil, nem nos Estados Unidos e na Europa, considerando o corpus de pesquisa mobilizado.

Por não haver diálogo, nem dialogia, e muito menos polifonia, fica claro que a condução das narrativas é autoritária. Privilegiam o narrador em terceira pessoa, majestático, onisciente, conhecedor dos fatos, cimentando verdades, como se o jornalismo fosse capaz de espelhar fielmente a realidade, conforme a ultrapassada “teoria do espelho”, do século 19, retrocedendo aos primórdios da conceituação jornalística (PENA, 2018, p. 125).

Apesar de defesa de posições democráticas, como a escolha de histórias e personagens oprimidos, as narrativas não cedem a palavra aos personagens. Eles estão silenciados do ponto de vista de suas enunciações diretas, em primeira pessoa. Seus vocabulários e opiniões só são conhecidos indiretamente, através dos narradores. O diálogo – ou melhor, a expressão dialógica propriamente dita – é uma ilusão teórica, não verificável na maioria das obras.

Diante disso restam, pelo menos, três perguntas: até quando pesquisadores, jornalistas, professores, editores e outros interessados continuarão defendendo insustentáveis posições teóricas? Quais seriam os motivos para tal cristalização conceitual? De quanto seria o atraso da pesquisa sobre jornalismo literário diante de noções dominantes reiteradas há meio século?

As respostas nos preocupam imensamente do ponto de vista científico, pedagógico e da prática do livro-reportagem. Por isso, é como contraponto que se coloca esta investigação e seus resultados.

Referências

- AZAVEDO, A. **Casa de pensão**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BARCELLOS, C. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORGES, R. **Jornalismo literário: análise do discurso**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. São Paulo: Princípios, 2004.
- CATALÃO, A. H. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2010.
- COSSON, R. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- CUNHA, E. **Os sertões**. São Paulo: Ubu/Sesc, 2016.
- FERREIRA, C. R. **Literatura e jornalismo, práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- KRAMER, M. Breakable rules for literary journalists. In: SIMS, Nornam; KRAMER, Mark. **Literary journalism: A new collection of the best American nonfiction**. Nova York: Ballantine Books, 1995.
- LOUZEIRO, J. **Araceli, meu amor**. São Paulo: Prumo, 2012.
- LOUZEIRO, J. **Lúcio Flávio, o passageiro da agonia**. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.
- MARTINEZ, M. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MARTINEZ, M.; FERREIRA, A. L.; FERNANDES, C.; LIRA, E.; OLIVEIRA, M.; PERES, S.; FIGUEIREDO, V.; GAVER, V. Mapeamento do Jornalismo Literário como

Disciplina: referenciais teóricos e práticos mais empregados no Brasil. **Anagrama**, v. 16, n. 1, p. 1-16, 2022. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/193876>. Acesso em: 18/01/2022.

MORAIS, F. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, F. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

REED, J. **México insurgente**. São Paulo: Boitempo, 2010.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.